

*Figuras do espaço: sujeito, corpo, lugar*

Paola Mieli

São Paulo, SP: Annablume, 2017, 287 págs.

## *Lugares: relações entre corpo e linguagem*

### *Places: Relations between body and language*

Betty B. Fuks\*<sup>1</sup>

443

Em tempos de penúria, quando alguns continuam insistindo em vulgarizar a psicanálise e outros fazem avançar, com estardalhaço na mídia, a ideia de que o lugar do inconsciente na contemporaneidade não é mais aquele construído por Freud, um livro que contradiz tais afirmativas, muito bem definido, incisivo, e escrito em linguagem clara e precisa. Com a mesma honestidade intelectual e criatividade com que escreveu *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo* (Rio de Janeiro, Contracapa), Mieli, uma das psicanalistas mais renomadas de Nova York, transforma a temática do espaço num instrumento de reflexão sobre a relação do sujeito com o mundo.

Esse móbil — o espaço — tão decantado nos debates filosóficos, religiosos e científicos — ganha um lugar inusitado

\*<sup>1</sup> Universidade Veiga de Almeida – UVA (Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

---

na abordagem da autora às experiências comuns, cotidianas e ao mesmo tempo absolutamente estranhas que compõem sua escrita. É digno de nota que as hipóteses que Mieli enuncia são, desde o início do livro, embasadas pela exatidão de seu pensamento e escrita, o que cria anticorpos que coíbem a expansão de certo “psicanalês”, comum na literatura psicanalítica atual. Vejamos.

Começar um trabalho psicanalítico pelo resgate da obra de Freud não é sem consequências. Nos termos de Walter Benjamim, Mieli, com a intensidade daqueles que possuem a coragem de se afastar de um dito para introduzir um novo dizer, retorna às origens da psicanálise, sempre incompleta e inacabada, para obter o domínio de alguma coisa que considera perdida. O efeito da estratégia benjaminiana é reconhecer que as ideias originadas na história são em si mesmas intemporais, mas contêm, sob a forma de “história-virtual”, uma remissão à sua pré e pós-história. Este é um convite a percorrer as trilhas de fundação da “outra cena” — o inconsciente — e deixar de lado toda a empáfia contida nas expressões “eu já sei disso”; “isso é antigo”; “os tempos são outros”; “Freud já era”.

444 O que mais me interessa ressaltar nesta resenha é a maneira como Mieli consegue aberturas para alguns dos paradoxos freudianos. De modo poético, porque aquele que se dispõe a resgatar um “afogado”, como dizia Mário Quintana, termina fazendo poesia, Mieli realiza um “retorno” à teoria freudiana que, segundo ela, introduziu uma concepção de espaço *suis generis*, de acordo com o espírito cultural do início do século XX e dos avanços da geometria e da física, restituindo-a ao lugar que de fato pertence. A fidelidade de Mieli à letra freudiana fica ainda mais evidente no domínio explícito que demonstra exercer em relação à teoria lacaniana. Guiando o leitor passo a passo através do sistema conceitual de Lacan, nossa autora esclarece a teoria da subjetividade encontrada na obra do psicanalista francês.

O sujeito “emerge no centro do mundo” o que significa que ele surge como efeito de uma “relação transferencial com o que é outro”. Dessas afirmativas, Mieli extrai uma definição singular de lugar: espaço libidinizado e mediado pela relação significativa pela qual o sujeito aborda o mundo. Definição que exige repensar o estatuto do corpo e da linguagem em psicanálise; tarefa que a própria autora se encarrega de facilitar tomando como ponto de partida algumas experiências banais como o andar, a higiene do corpo e as ferramentas psicanalíticas necessárias. Com erudição, a autora faz uso também da literatura e das artes incluindo nesse campo a própria arquitetura da “cidade mãe” da psicanálise. Leva a sério o que Freud afirmou

e Lacan reiterou: “há coisas que só o escritor, o poeta e o artista com seus meios específicos podem nos oferecer”.

Nesse sentido, a leitura do testemunho de Primo Levi em *É isso um homem?* sobre o horror indizível dos campos de extermínio, é primorosa. Levi transmite a história de homens torturados, destituídos de qualquer “singularidade subjetiva” num esforço de, através da linguagem, exprimir o inominável, o inassimilável do trauma de seu próprio povo e geração. É da escrita de Levi que Mieli retira elementos necessários para demonstrar que o projeto nazista de destituição do “pudor que sustenta a dignidade humana” e da paisagem libidinal do sujeito encontrou resistência nos *campos*: alguns prisioneiros reconstituíram, ainda que temporariamente, um lugar, uma aparência de lugar para si, num lugar construído justamente para assassiná-los.

Mieli atinge o coração do debate psicanalítico atual sobre corpo e a exigência de confrontação com o Real. Tanto Freud quanto Lacan insistem que mesmo quando o sujeito quer negá-lo ou desmenti-lo, o corpo não cessa de não fazer fracassar a linguagem. Mieli propõe apreender esse fato de estrutura fazendo um percurso no último ensino de Lacan que apresenta o trauma do corpo por uma língua anterior à linguagem: *Lalíngua*. O bebê é mergulhado em sua entrada no mundo no “banho de lalíngua”, a língua do Outro que atende às suas primeiras necessidades e o introduz no reino da linguagem. O “Próximo” na conceituação freudiana — objeto ambíguo por excelência, pois se constituirá, para o bebê, como único objeto capaz de lhe prestar socorro e, ao mesmo tempo, um objeto hostil que o impregna de linguagem. Dessa matriz freudiana — *Complexo do Próximo* — e de *Lalíngua*, a autora retirará consequências do significante lacaniano *falasser* que designa a relação entre sujeito e corpo e a constituição do espaço da transmissão psíquica entre as gerações. Somos, assim, reconduzidos a refletir sobre o espaço da transmissão psíquica, mais além do que cada ramo da ciência de nossa época insiste em dizer: o mundo repousa sobre entidades sutilíssimas — as mensagens do DNA e os impulsos neurônicos que vagam pelo espaço mental desde o começo dos tempos. Um encontro entre o corpo e a fala é a particularidade do humano no que “encarna o gozo que forma um saber inconsciente que o causa, mas que resta inacessível”. Maneira de reafirmar que a psicanálise possui uma contribuição absolutamente singular para se pensar as origens do sujeito e da cultura.

Existem vários ensinamentos clínicos e teóricos em *Figuras do espaço*, assim como referências generosas aos trabalhos de vários autores. Ao final do livro, três casos são apresentados, cada um deles inserido em diferente

momento histórico, deixando transparecer a convicção da autora de que por mais que uma análise diga respeito aos sujeitos em suas particularidades, por estar ligada à linguagem a história privada faz parte da grande História, da história pública. Isso vale para o íntimo de cada um, qualquer que seja sua biografia, pois não existe espaço interior que não seja afetado pelo lugar.

Nesse ponto, Mieli retorna à problemática da transmissão. Dessa vez para reiterar o fato de que a psicanálise detém uma gloriosa apreensão de tempo de modo a fazer conviver passado e presente no mesmo lugar; o que assegura que o humano é impregnado pela “dívida simbólica” que provém das gerações precedentes. A defesa de Mieli pelas noções freudianas de temporalidade e de verdade histórica na apresentação dos três casos resume de forma definitiva sua adesão à máxima de Goethe registrada por Freud em *Totem e tabu* — “Aquilo que herdastes de teus ancestrais, conquista para fazê-lo teu”. Assim, ainda que de modo oblíquo, o livro se torna o retrato do desejo da autora de conjugar a complexidade psicanalítica à reescritura do que vem a ser espaço e lugar, tornando-os uma potente ferramenta de trabalho do analista na clínica e na crítica à cultura que testemunha.

446

## Referências

- Benjamin, W. (1985). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Freud, S. (1973). *Totem und Tabu* (12ª ed.). Frankfurt, Germany: Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1913).
- Levi, P. (1988). *É isto um homem?* Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

**Citação/Citation:** Fuks, B. B. (2020, jun.). Lugares: relações entre corpo e linguagem. Resenha do livro *Figuras do espaço: sujeito, corpo, lugar*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 443-447. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p443.15>.

**Editora/Editor:** Profa. Dra. Marta Regina de Leão D’Agord

**Submetido/Submitted:** 30.10.2019 / 10.30.2019 **Aceito/Accepted:** 10.1.2020 / 1.10.2020

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de

## RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

### **BETTY B. FUKS**

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Psicanalista; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida – UVA (Rio de Janeiro, RJ, Br); Bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq (Brasília, DF, Br).

Av. Rui Barbosa, 500/602 – Flamengo

22250-020 Rio de Janeiro, RJ, Br.

betty.fuks@gmail.com

<https://orcid.org.0000-0002-5325-7382>

447



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.